

O renascimento das virtudes médicas – o lugar de Pellegrino

Jorge Cruz

A minha comunicação foi desenvolvida a partir da obra de Edmund Pellegrino, professor emérito de Medicina e Ética Médica do Kennedy Institute of Ethics da Universidade de Georgetown, um dos autores mais influentes e representativos da bioética norte-americana e mundial.

A definição de virtude proposta por Pellegrino, de raiz aristotélico-tomista, é enunciada como sendo um traço de carácter que dispõe a pessoa, de forma habitual, para a excelência no desempenho da ação, em relação ao propósito específico para determinada atividade humana. Não é uma característica inata, mas pode e deve ser aprendida.

A ética das virtudes, o modelo mais antigo de filosofia moral, destaca a importância do carácter da pessoa na tomada de decisões éticas. Os profissionais de saúde que regem os seus atos segundo uma perspectiva ética das virtudes, não irão participar em certas atividades questionáveis do ponto de vista ético, acerca das quais a lei e os códigos deontológicos possam ser omissos ou condescendentes. É, no entanto, indispensável que a teoria ética das virtudes seja enriquecida e complementada com outras teorias éticas, nomeadamente com uma ética deontológica ou principialista.

Para Pellegrino, uma ética das virtudes tem por objetivo a procura da excelência, em que se pretende “acertar no alvo”, ou seja, cumprir o propósito de realizar da melhor maneira determinada ação. Para este autor, o objetivo final da medicina é proporcionar a restauração da saúde de um doente e o objetivo imediato é uma decisão correta do ponto de vista técnico e científico mas também ético. Na sua opinião, uma ética das virtudes baseada nestes objetivos é menos suscetível a remodelações que diluam o compromisso ético profissional, ao contrário do que se verifica com uma ética deontológica, conforme se comprovou com as recentes revisões a que foi sujeita a Declaração de Genebra da Associação Médica Mundial.

A existência de um novo Código Deontológico, aprovado pela Ordem dos Médicos em 2009, de uma Carta Europeia de Ética Médica, adotada em 2011, bem como o papel regulador da atividade profissional dos médicos, por parte da Ordem e de outras entidades, não asseguram que a atuação dos clínicos seja sempre bem intencionada e em respeito para com as *leges artis*, pois o elemento fundamental no exercício da profissão é, como sempre foi, o caráter do médico, sendo as virtudes os pilares dessa atividade.

Que médicos queremos? Por que tipo de profissionais gostaríamos de ser recebidos e tratados quando precisamos de recorrer aos serviços de saúde? Se pudermos escolher, gostaríamos certamente de ser atendidos por «um médico virtuoso, um "bom médico", aquele que faz bem o seu trabalho, que compreende o estado de vulnerabilidade do doente, compromete-se em ajudá-lo e é fiel a essa promessa. O que ninguém quer é um médico comerciante, ou o simples executor de uma técnica, ou o burocrata, ou o mercenário, ou o que acha que sabe tudo, ou o que vê o doente como objeto de exploração (Pellegrino, 2006)».

O exercício da medicina assente no paradigma das virtudes é fundamental para uma prática médica mais humanizada e que tenha em conta o melhor interesse dos doentes, e contribuirá também para contrabalançar a hegemonia e aridez do principialismo de Beauchamp e Childress e dos modelos comercial e contratual de relação médico-doente.